

A MULTIFUNCIONALIDADE DE ALIÁS: VALORES SEMÂNTICOS EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

THE MULTIFUNCTIONALITY OF ALIÁS:
SEMANTIC VALUES IN FUNCTIONAL PERSPECTIVE

Nice da Silva Ramos | [Lattes](#) | nicesramos1@hotmail.com

Universidade Federal Fluminense

Resumo: Este artigo tem por objeto de estudo o elemento linguístico *aliás*, observado nos diferentes contextos de uso em que é recrutado. Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), *aliás* é classificado como palavra denotadora de retificação. Em gramáticas e dicionários de autores consagrados, esse item é classificado conforme a NGB e como advérbio. Durante a pesquisa, verificamos a flutuação categorial desse elemento, que também assume características de conjunção, conector reformulativo e operador argumentativo, além da mencionada classificação tradicional. Observamos sua frequência e usos, em textos de modalidade oral, do *corpus* Discurso & Gramática, sob a luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. Os fatores analisados, calcados no aspecto semântico, são os seguintes: posições nos textos, frequência de uso, graus de escolaridade e gêneros textuais. A análise aponta que esse elemento, bastante utilizado no português do Brasil, serve às diversas funções discursivas, tais como: reformulação, retificação integral, retificação parcial, inclusão (de argumentos), dentre outras. Não obstante à classificação imposta pela NGB, os resultados apontam para uma versatilidade desse elemento linguístico, quando analisado nos contextos em que é instanciado.

Palavras-chave: Funcionalismo. Multifuncionalismo. Semântica. Oralidade. Aliás.

Abstract: This article aims to study the linguistic element “aliás”, observed in different contexts of use in which it is recruited. According to the Brazilian Grammar Nomenclature (NGB), “aliás” is classified as a denoting word of rectification. In grammars and dictionaries by established authors, this item is classified according to the NGB and as an adverb. During the research, we verify the categorical fluctuation of this element, which also assumes characteristics of conjunction, reformulative connector and argumentative operator, in addition to the aforementioned traditional classification. We observe its frequency and uses in oral texts of the Discourse & Grammar corpus in the light of Usage-based

Functional Linguistics. The analyzed factors, based on the semantic aspect, are the following: positions in the texts, frequency of use, education levels and textual genres. The analysis points out that this element, widely used in Brazilian Portuguese, serves the various discursive functions, such as reformulation, integral rectification, partial rectification, inclusion (of arguments), among others. Notwithstanding the classification imposed by the NGB, the results point to a versatility of this linguistic element when analyzed in the contexts in which it is instantiated.

Keywords: Functionalism. Multifunctionalism. Semantics. Orality. *Aliás*.

Considerações iniciais

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil está voltado, preponderantemente, para uma perspectiva prescritivista, em que se impõem a memorização de nomenclaturas e a adoção acrítica de padrões homogeneizadores. A gramática tradicional cristaliza as classificações dos itens linguísticos, limitando os seus usos, conforme sua rigidez categorial. Em uma perspectiva funcionalista, tal concepção torna-se inadequada, tendo em vista que o uso está no foco das atenções, ou seja, o jogo interlocutivo da interação entre os falantes, situado nos contextos comunicativos reais, conquista grande relevo e passa a ganhar maior destaque nos processos de ensino-aprendizagem. A exemplo, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) classifica *aliás* como palavra denotadora de retificação, enquadrando-o no rol das palavras que, a rigor, não estão incluídas entre os advérbios, conforme mencionam Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009), citados adiante. Contudo, no dado (1), a seguir, coletado no *corpus* Discurso e Gramática (doravante D&G), podemos observar o equívoco a respeito da classificação prescrita pela NGB:

(1) E: então... Adriana... me conta agora uma história que alguém tenha contado pra você... você tenha achado interessante...

I: interessante? foi minha prima... que saiu com o namora/ com o marido da prima dela... ela diz que ela saiu... né? agora não sei... que sai com todo mundo... ela falou que saiu com ele e ele/ que... *aliás*... ela sair com ele não é nada... pior é agir na falsidade com a menina mesmo... (Narrativa recontada, D&G RJ 2, p. 121, CA/supletivo).

No exemplo acima observamos, notoriamente, que *aliás* não retifica o discurso, tampouco parte dele. Nesse caso, sua classificação como operador argumentativo é mais assertiva, se admitirmos que, nessa instância de uso, *aliás* adiciona um julgamento, um

juízo de valor do informante sobre o fato a ser narrado. Impõe-se, dessa forma, a necessidade de análises e descrições que ultrapassem o que tradicionalmente é feito. No âmbito da semântica e da sintaxe, é necessário ir além dos limites oracionais e dos próprios itens, considerando-se os componentes discursivo-pragmáticos: a língua em seu uso efetivo, entre sujeitos interagentes, desempenhando seu papel comunicativo, contextualizada no momento da produção (fala e escrita).

Partindo-se da premissa de que os contextos, os sujeitos interagentes e suas especificidades agem na construção do discurso, de maneira a apreender seus significados, a presente pesquisa afina-se com os aparatos teóricos considerados fundamentais no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, daqui por diante denominada LFCU. O estudo ora proposto situa-se nessa perspectiva teórico-metodológica e visa à análise e à descrição sincrônicas de contextos motivadores do uso de *aliás*, tendo em vista a hipótese de que esse elemento linguístico é multifuncional, a despeito das escassas descrições e análises sobre o tema em Língua Portuguesa. Ou seja, seu recrutamento nas situações de interação ultrapassa ao que é prescrito pela tradição gramatical.

Verificamos sob quais circunstâncias esse elemento linguístico tem maior frequência de uso, quais significados lhes são atribuídos, observando os gêneros textuais na modalidade de texto oral, dos quais: descrição de local, narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e relatos dos entrevistados acerca das entrevistas realizadas com os informantes e como os diferentes usuários da língua utilizam *aliás*, conforme seus graus de escolaridade.

O uso que se faz da língua é oriundo das necessidades comunicativas e permeia, pelo menos, três instâncias citadas, a seguir, por Oliveira (2015, p. 22-23):

De acordo com a LFCU, os usos linguísticos são resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de três diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas. Portanto, investigar a língua sob a ótica dessa perspectiva significa levar em conta marcas das três instâncias referidas, sob o rótulo maior de “contexto”.

Destacamos o fato de que uma expressão linguística pode adquirir funções diversas, diferentes de sua função original, determinadas pelo contexto em que esteja inserida, ainda que sua forma se mantenha a mesma.

Nas seções que se seguem, damos sequência ao trabalho com a revisão da literatura, acerca das relações entre *aliás*, advérbios e conjunções, apresentamos alguns pressupostos teóricos básicos da LFCU, abordamos a metodologia aplicada ao trabalho e prestamos informações quanto à constituição do *corpus* em que se verificam as ocorrências de

aliás. Em seguida, subdividida em quatro subseções, apresentamos os resultados da análise acerca das instanciações de *aliás*, conforme: graus de escolaridade, valores semânticos observados nos diversos discursos, a frequência desse elemento nos diferentes gêneros textuais e sua posição nos textos. Na seção ulterior, seguimos com algumas considerações finais.

Aliás e suas relações com advérbios e conjunções

Aliás apresenta variadas nuances e definições. Ferreira (2007, p. 110) classifica o verbete como advérbio: “a.li.ás *adv.* 1. De outra maneira; do contrário; 2. Além disso; além do mais. 3. Diga-se de passagem; 4. Ou por outra; ou seja”. Bechara (2009, p. 288) classifica esse item como advérbio, admitindo, contudo, que, “como bem diz Mattoso Câmara, perturba a descrição e a demarcação classificatória ‘a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios’”. O gramático também observa que

A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

[...]

4 – *retificação*: ***aliás***, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, ***aliás***, seis livros. (BECHARA, 2009, p. 291, grifos nossos)

Algumas expressões, dentre elas *aliás*, são consideradas pela NGB conforme a função textual que assumem. Não estabelecem, exatamente, uma função sintática e/ou semântica entre as orações em que se inserem, mas viabilizam, contudo, o sentido no discurso em que estão inseridas.

Seguindo a classificação da NGB, Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, p. 540-541, grifo nosso) salientam que

certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passam a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, mas sem nome especial. São palavras que denotam, por exemplo:

[...]

e) RETIFICAÇÃO: ***aliás***, ou antes, isto é, ou melhor, etc.

Dessarte, considerando a definição da NGB, *aliás* se restringiria a uma palavra denotadora de retificação, por exemplo, desconsiderando suas facetas a propósito dos contextos em que se instancia.

O *aliás* também é classificado como operador argumentativo. Segundo Koch (2015, p. 34), sobre os operadores argumentativos que somam a favor de uma mesma conclusão,

existe mais um operador que também introduz um argumento adicional a um conjunto de argumentos já enunciados, mas o faz de maneira “subreptícia”: ele é apresentado como se fosse desnecessário, como se se tratasse de simples “lambuja”, quando, na verdade, é por meio dele que se introduz um argumento decisivo, com o qual se dá o “golpe final”, resumindo ou coroando todos os demais argumentos. Trata-se do operador *aliás*. [...]

f. João é o melhor candidato. *Além de* ter boa formação em Economia, tem experiência no cargo e não se envolve em negociatas. *Aliás*, é o único candidato que tem bons antecedentes.

Um anúncio publicitário certa ocasião, em um jornal de São Paulo, terminava assim:

5. “Esta é uma filosofia de trabalho que levamos a sério há mais de 50 anos. *Aliás*, muito a sério.”
(isto é, mais “a sério” do que nossos concorrentes.)

Com base nas informações até aqui transcritas e comentadas, podemos, inicialmente, concluir que *aliás*, a depender do autor, é classificado como: a) advérbio; b) palavra denotadora de retificação; c) operador argumentativo, introdutor de argumento adicional, que resume ou ressalta argumentos anteriores. Assim, cabe aprofundarmos um pouco mais os traços principais das categorias advérbio e conjunção, tendo em vista que os itens enquadrados nessas categorias podem desempenhar a função de operador argumentativo. Buscamos, dessarte, demonstrar a multifuncionalidade inerente ao elemento linguístico *aliás*. Nos quadros a seguir, elencamos algumas definições sobre advérbios (no Quadro 1) e conjunções (no Quadro 2), conforme alguns autores consagrados no Brasil.

Quadro 1: Definições de advérbio, segundo algumas gramáticas

Obra	Definição
Cunha e Cintra (1985, p. 529-530)	1. O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo; 2. A essa função básica, geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Assim, os chamados ADVÉRBIOS DE INTENSIDADE e formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido: a) de um adjetivo [...]. b) de um advérbio [...]. 3. salienta-se ainda que alguns advérbios aparecem, não raro, modificando toda a oração...

Bechara (2009, p. 287-288)	É a expressão que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial... O <i>advérbio</i> é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira... Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal [...] ou espacial do falante [...], ou ainda o modo pelo qual se visualiza o “estado de coisas” designado na oração.
Azeredo (2014, p. 192-193)	O advérbio é a mais heterogênea das classes de palavras. Suas características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica. Existem várias subclasses semânticas e sintáticas de advérbio. A maioria delas, porém, emprega-se para localizar no tempo ou no espaço os objetos a que fazemos referências nos nossos discursos. Expressam basicamente posições temporais...; exprimem basicamente posições espaciais... São menos numerosas as subclasses dos advérbios de intensidade...; de adição/inclusão; de focalização [...]; de negação.

Com base nas definições de advérbio apresentadas no Quadro 1, elencamos as seguintes propriedades:

- 1) Primordialmente, é uma classe modificadora do verbo. Reforça o sentido de um adjetivo ou mesmo de outro advérbio. Alguns podem modificar toda uma oração/declaração;
- 2) Denota circunstâncias de lugar, de tempo, de modo, de intensidade, de condição etc. Desempenha, na oração, papel de adjunto adverbial, distribuindo-se, fundamentalmente, em assinalar a posição temporal ou espacial do falante, e o modo como o “estado de coisas” se apresentam nas orações;
- 3) Tem função modificadora, invariabilidade formal e mobilidade posicional em relação ao termo que modifica. Possui várias subclasses e a maioria delas localiza no tempo e no espaço os termos a que se refere no discurso. Azeredo (2014) ainda faz menção às subclasses de adição/inclusão e de focalização.

No *corpus* analisado, *aliás* não se instanciou com a função fundamentalmente modificadora de verbos. A respeito de sua mobilidade no discurso oral, verificamos que o mesmo se instancia em posições intermediária e final, diferindo, inicialmente, dos advérbios, os quais podem assumir, inclusive, a posição inicial, além daquelas. Quanto à men-

ção de Azeredo (2014) sobre as subclasses de advérbios (adição/inclusão), verificamos que *aliás* assemelha-se a essa classe, ao denotar inclusão, conforme o dado (1), já citado, em que o informante inclui um julgamento, uma opinião sobre a sua narrativa que está sendo contada, atribuindo juízo de valor sobre os fatos narrados. Nessa instância, *aliás* tem valor de inclusão (advérbio), funcionando, contudo, como operador argumentativo, conforme Koch (2015).

A fim de detectar o possível caráter multifuncional de *aliás*, apresentamos o Quadro 2, a seguir, com as definições de conjunção, buscando estabelecer os pontos convergentes e/ou divergentes entre esse item gramatical e *aliás*.

Quadro 2: Definições de conjunção, segundo algumas gramáticas

Autor	Definição
Cunha e Cintra (1985, p. 529-530)	1. Conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de COORDENATIVAS. [...] Denominam-se SUBORDINATIVAS as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. [...]
Bechara (2009, p. 287-288)	Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: <i>coordenadas</i> e <i>subordinadas</i> . As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se <i>independentes</i> umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados. [...] Daí ser a conjunção coordenativa um <i>conector</i> . Como sua missão é reunir unidades independentes, podem também “conectar” duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. [...] Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. [...] No enunciado <i>Soubemos que vai chover</i> , a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado (<i>vai chover</i>) se insere num enunciado complexo em que ela (<i>vai chover</i>) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de palavra... Assim, a conjunção subordinativa é um <i>transpositor</i> de um enunciado que passa a uma função de palavra...

Azeredo (2014, p. 192-193)	Chama-se conjunção subordinativa a palavra invariável que, anteposta a uma oração com verbo flexionado em tempo, forma com ela um sintagma derivado. [...] Chama-se conjunção coordenativa a espécie de palavra gramatical que une duas ou mais unidades (palavras, sintagmas ou orações) da mesma classe formal e mesmo valor sintático.
-----------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Conforme as três definições de conjunção expostas no Quadro 2, essas palavras gramaticais podem:

- 1) Relacionar termos ou orações de mesma função (conjunções coordenativas);
- 2) Ligar duas orações em que uma delas completará o sentido da outra (conjunções subordinativas).

Bechara (2009) acrescenta os termos “conector” e “transpositor” para diferenciar as conjunções coordenativas das subordinativas, respectivamente.

A pesquisa bibliográfica atesta a difícil classificação de *aliás*, considerando a sua flutuação categorial, conforme as definições dos autores citados nesta pesquisa e demonstrado no dado (1), utilizado como exemplo. Dessa forma, podemos, *a priori*, classificar *aliás* como:

a) advérbio de adição/inclusão (AZEREDO, 2014), na função de operador argumentativo (KOCH, 2015), a exemplo do dado (1), em que *aliás* inclui um juízo de valor do informante acerca da história narrada;

b) conjunção aditiva, com a função de retificação, entre formas aditivas correlatas (mas/também), conforme o dado (2), abaixo:

- (2) I: (...) Tem as cadeiras que os... ministros... não os minis... os ministros da eucaristia... mas os ministros também... os apólitos... os::... os irmãos do Santíssimo... enfim... os que tem uma participação também... não passiva... mas/ *aliás*... também pa... eh... passiva... mas... ativa também... (Descrição, D&G JF, p. 42).

Nesse dado, *aliás* está entre as formas aditivas correlatas (mas/também) e retifica uma informação dada, relacionando dois elementos de mesmo valor funcional: os adjetivos “passiva” e “ativa”, que se referem aos tipos de “participação”.

A LFCU e os contextos de uso

A LFCU concebe a linguagem como meio de interação social, entre falantes e ouvintes reais, e não ideais, conforme postulam as abordagens formalistas. Segundo Cezario e Cunha (2013, p. 157), a abordagem funcionalista “[...] se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”, buscando na situação comunicativa a motivação para a realização da língua. Essa abordagem teórica defende a ideia de que a língua não é autônoma, tão pouco independente de fatores socioculturais. Ao contrário, é moldada e adaptada de acordo com as situações interacionais. Ao se pensar em estudos linguísticos, fatores extralinguísticos devem ser considerados como motivadores de construções e usos. Ao lado da sintaxe e da semântica, as circunstâncias pragmáticas são consideradas bastante relevantes pela abordagem funcionalista. É nesse nível de investigação que se buscam os contextos e os propósitos comunicativos dos interlocutores, no uso concreto da língua, caracterizado pela interação e pelas questões sociais.

Sobre o estudo do discurso efetivo e não idealizado da língua e a contextualização dos fenômenos linguísticos, Givón (2012, p. 49) assevera que,

Quando dados reais de discurso são levados em consideração [...] torna-se óbvio que os fenômenos não categóricos são a regra, e não a exceção, na linguagem humana. [...]. Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa.

Assim, o objeto de estudo, nas situações reais de interação, é o ponto de partida para se percorrer os caminhos que levarão à construção dos modelos teóricos, o que, mais uma vez, reforça a ideia da importância da contextualização do item linguístico. No que concerne aos diversos níveis de investigação da língua, no ato do processo comunicativo, as abordagens funcionalista e cognitivista se assemelham, conforme afirma Cunha (2012, p. 29):

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

Ou seja, os contextos em que se dá o uso da língua, nas situações reais de comunicação, e a importância do exame das estruturas não só sintáticas ou semânticas, mas

também das estruturas acessadas pelo componente discursivo-pragmático, fazem-se necessários para uma autêntica investigação no campo da linguagem.

Metodologia e constituição do *corpus*

Optamos por utilizar dados do *corpus* D&G, correspondente a amostras da língua falada de informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande do Norte, Juiz de Fora e Niterói. Os gêneros textuais que o compõem são: descrição de local, narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de procedimento e relatos dos entrevistadores acerca das entrevistas realizadas com os informantes.

Cada participante (informante) produziu cinco textos na modalidade oral e cinco na modalidade escrita, o que totaliza dez textos produzidos por cada informante, resultando em um universo de 1710 textos (orais e escritos). Para este trabalho, foram descartados os textos escritos, a fim de proporcionar uma reflexão sobre as ocorrências de *aliás* nos contextos de uso em que se insere na oralidade, e sobre a assunção de suas variadas funções e valores semânticos. Assim, nos limitamos à utilização dos textos de produção oral, dos quais obtivemos a utilização de *aliás*, tendo em vista a verificação das funções discursivo-pragmáticas, além das semânticas, em discursos mais espontâneos.

A fim de entender em quais ambientes semântico-pragmáticos esse item se insere, consideramos as posições em que *aliás* aparece na sentença, sua frequência de uso nos variados gêneros textuais e o grau de escolaridade dos usuários que recrutaram essa partícula, incluindo os entrevistadores. Os dados pesquisados são tratados qualitativa e quantitativamente, já que tanto a análise de *aliás*, quanto a sua frequência de uso constituem elementos primordiais para o resultado desta pesquisa. No decorrer do trabalho, os dados de análise foram utilizados a fim de exemplificar as questões pertinentes ao estudo proposto. Cabe-nos ressaltar que alguns desses dados foram repetidos, servindo de exemplo a mais de uma das questões estudadas.

Análise do elemento *aliás*

No *corpus* utilizado, observamos 19 ocorrências de *aliás*, do total de 855 textos disponíveis na modalidade oral. Esse resultado demonstra a sua baixa frequência em relação ao número de textos observados, correspondendo a 2,22% do total. Por hipótese, podemos admitir que a baixa frequência de *aliás* está ligada ao *corpus* escolhido para análise e aos gêneros textuais que o compõem, assim como aos graus de escolaridade dos usuários (conforme veremos em seguida). Assim, admitimos, *a priori*, que *aliás* pode ser mais re-

crutado em textos mais canônicos, mais elaborados, por indivíduos com graus de instrução mais elevados.

Passemos a tratar dos fatores controlados na análise, começando pelos graus de escolaridade.

1) Os graus de escolaridade e o recrutamento de *aliás*

No que concerne aos graus de escolaridade dos usuários da língua, quantificamos a frequência de uso de *aliás*, ocorrida entre os informantes de nível superior (dos quais entrevistadores e entrevistados), de nível médio, da 8ª. série do ensino fundamental e do supletivo CA.

Tabela 1: *Corpus D&G* – Graus de escolaridade e frequência de uso de *aliás* na modalidade oral

Graus de escolaridade	Frequência
ENSINO MÉDIO	08
ENSINO SUPERIOR	06
8ª. SÉRIE ENS. FUND.	04
CA (SUPLETIVO)	01
Total	19

Fonte: Da autora.

Conforme vemos na Tabela 1, *aliás* foi mais recrutado entre os usuários do ensino médio e os do ensino superior. A maior frequência de uso nesses níveis de escolaridade talvez se justifique pelo fato de esses grupos disporem de mais experiência e desenvoltura no uso da língua em relação aos demais.

Importante mencionar o fato de esse elemento linguístico ter ocorrido com mais frequência na função de retificação, no discurso oral e menos monitorado. O que, preliminarmente, aponta para uma função primeira, a de retificação, conforme é visto na subseção adiante.

Nos dados (1), já citado, (3), (4) e (5), a seguir, exemplificamos os usos de *aliás* conforme os graus de escolaridade, na seguinte ordem: CA (supletivo), 8ª. série do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior:

- (1) E: então... Adriana... me conta agora uma história que alguém tenha contado pra você... você tenha achado interessante...

I: interessante? foi minha prima... que saiu com o namora/ com o marido da prima dela... ela diz que ela saiu... né? agora não sei... que sai com todo mundo... ela falou que saiu com ele e ele/ que... *aliás*... ela sair com ele não é nada... pior é agir na falsidade com a menina mesmo... (Narrativa recontada, D&G RJ 2, p. 121, CA/supletivo).

(3) I: [bem]... como eu tinha falado... eu entrei como naveteiro na... equipe de liturgia... mas depois um... um membro saiu também por... por problemas... eu não sei qual foi o problema... *aliás*... devia ter saído na reunião que eu havia entrado... eu não... não fiquei sabendo que eu tinha ido embora mais cedo... pra ir na *pizzaria*... aí eu... subi um posto a mais... eu fiquei na/ quarto lugar da hierarquia... passei a ser turiferário... (qual) a função que eu fico até hoje... faço até hoje... (Relato de procedimento, D&G JF, p.43, 8ª série do ensino fundamental).

(4) (4) E: uma cuia?

I: é ... exatamente ... agora num é redondo não ... é assim ... então a água vai entrar aqui no meio ... no meio desse:: dessas duas paredinhas ... dessa piscininha que eu digo ... daí a largura é de trinta centímetros mais ou menos ... é trinta centímetros ... então ... *aliás* cinquenta centímetros ... então a velocidade é bem pequena ... o floco vai ... vai andando também ... então o que que vai acontecer ... quando a velocidade é pequena o floco é pesado ... ele vai:: o floco vai decantar ... certo ... por isso que chama decantador ... (Relato de procedimento, D&G Natal, p. 90, ensino médio).

(5) E: e como é ... quais são os passos assim você ... pega o desenho ... vai fazendo o que primeiro ...

I: a gente pega o fotografia ...

E: a fotografia *aliás* ...

I: e ... pensa é ... quais ... quais seriam os traços principais daquela fotografia a serem é ... trans/ transportados pra tela né? os traços em ... em grafite né? (Relato de procedimento, D&G Natal, p. 57, ensino superior/entrevistador).

Apresentamos a seguir os resultados relacionados aos valores semânticos de *aliás*.

2) Os valores semânticos de *aliás*

Durante o levantamento das ocorrências de *aliás*, em discursos orais, observamos que o valor semântico de maior frequência foi o de retificação (integral e parcial), conforme a Tabela 2 nos apresenta:

Tabela 2: *Corpus D&G* – Valores semânticos e frequência de uso de *aliás* na modalidade oral

Valores Semânticos	Totais
Retificação integral	10
Inclusão	04
Retificação parcial	03
Reformulação	02
Total	19

Fonte: Da autora.

Nos dados (6), (7), (8) e (9) que se seguem, exemplificamos os usos de *aliás*, com seus respectivos valores semânticos assim distribuídos: retificação integral, inclusão, retificação parcial, reformulação, respectivamente:

- (6) I: “então o doutor tinha voltado a mil oitocentos e cinqüenta e cinco ... um século atrás ... né ... ele tinha voltado ... não *aliás* ... ele tinha voltado há alguns anos ... a mil oitocentos e noventa ... a mil oitocentos e oitenta ... por aí ... (Narrativa recontada, D&G Natal, p. 86, ensino médio).

Em (6), *aliás* retifica integralmente a informação dada no discurso anterior, introduzindo uma sequência de informações de ressalvas. Note-se que vem ao lado do advérbio de negação “não”, o que reforça a ideia da necessidade de retificação sobre o que foi declarado anteriormente. Primeiro, o informante nega a informação dada e, em seguida, com o uso de *aliás*, retifica a mesma em sua narrativa.

- (7) I: “... pra educação mesmo... doméstica... quer dizer... que não tem muita utilidade na... na vida... prática... né? de todo dia... eu acho que quem faz letras... se encaminha eu acho que... invariavelmente pro magistério... a menos as pessoas que fazem bacharelado em tradução... né? que aí você cria uma opção... aqui tem... né? já está tendo *aliás* curso de bacharelado... tanto em inglês quanto em francês... (Relato de opinião, D&G JF, p. 12, ensino superior).

Em (7), ocorre a inclusão da informação “curso de bacharelado... tanto em inglês quanto em francês...”, complementando a informação generalizada: “...aqui tem... né?” (bacharelado). Nesse discurso, *aliás* equivale a um advérbio de inclusão (inclusive, até), funcionando como operador argumentativo, adicionando um argumento que reforça a declaração anterior.

- (8) (8) I: e vou pra:: ... pra mesa da palavra... lá um sacerdote... pela liturgia o certo é um diácono... mas caso falte... fica o... o sacerdote... ele pede a bênção ao bispo... e vai... falar... o::.../ *aliás*... vai proclamar o evangelho... então... ele faz a saudação... aí ele... ele:: pega o:: turíbulo da minha mão... e incensa... (Relato de procedimento, D&G JF, p. 44, 8ª. série do ensino fundamental).

Em (8), o falante opta pelo termo “proclamar”, mais assertivo em relação ao termo “evangelho” e à sua intenção comunicativa, relatando de forma adequada um procedimento litúrgico. Os termos “falar” – mais usual - e “proclamar” – mais canônico e, portanto, coerente ao contexto de uso em que foi posteriormente recrutado, pertencem ao mesmo *frame*, bem como “dizer”, caracterizando uma retificação parcial, introduzida por *aliás*. Nos termos de Oliveira (2001, p. 231), “[...] o elemento se aproxima da verdade. Trata-se de uma assertiva falsa, mas intuída como quase verdadeira...”

- (9) (9) I: (...) mas em todo caso tem muito mais escola pública do que particular ... então veja só ... se:: é:: se sessenta por cento das escolas públicas ... é:: é:: das escolas públicas ... *aliás* ... se ... se tem sessenta por cento de escolas públicas de um global de cem por cento ... sessenta por cento dessas pessoas vão da escola pública para a universidade enquanto quarenta por cento ... vai ... quarenta por cento que é de escola particular vai de todo jeito para a escola ... entendeu o que eu quero dizer? (Relato de opinião, D&G Natal, p. 93, ensino médio).

Em (9), *aliás* reformula o discurso anterior, introduzindo, ao lado do conector “se”, o discurso reformulado, visando a uma condição/hipótese para uma possível conclusão. Nesse caso, *aliás* tem a função de conector reformulativo, ao lado do “se” - condicional. Note-se que no texto anterior a *aliás*, o informante já menciona uma hipótese, contudo, ele reelabora o discurso de modo a orientar o interlocutor sobre o seu raciocínio, sobre sua opinião a respeito do tema abordado em seu relato.

Vemos agora os resultados referentes aos gêneros textuais controlados.

3) *Aliás* nos diferentes gêneros textuais

O recrutamento de *aliás* nos gêneros textuais constituintes do *corpus* pesquisado, na modalidade oral, deu-se conforme demonstrado na Tabela 3, a seguir:

Tabela 3: *Corpus D&G* – Diferentes gêneros textuais e frequência de uso de *aliás* na modalidade oral

Gêneros textuais	Totais
Relato de procedimento	06
Relato de opinião	04
Narrativa recontada	04
Descrição de local	03
Narrativa de experiência pessoal	02
Total	19

Fonte: Da autora.

Através dos números obtidos, constatamos que no gênero textual relato de procedimento *aliás* instanciou-se com maior frequência (seis dados) em relação aos demais gêneros. Ressaltamos que, nos relatos de procedimento, *aliás* foi mais recrutado entre os usuários de nível superior de escolaridade. Preliminarmente, essa informação corrobora com a hipótese de que *aliás* é mais utilizado por indivíduos com maior grau de escolaridade e, possivelmente, em textos mais canônicos.

Destacamos, também, que o valor semântico de *aliás* mais utilizado em relatos de procedimento foi o de retificação (integral e parcial). Dos seis relatos de procedimento, *aliás* foi recrutado em cinco deles para retificar parcialmente ou integralmente os discursos.

Na Tabela 4, quantificamos a frequência de uso de *aliás*, nos relatos de procedimento, e os valores semânticos que lhe foram atribuídos nesse gênero textual:

Tabela 4: *Corpus D&G* – Frequência de uso dos valores semânticos de *aliás*, nos relatos de procedimento, na modalidade oral

Gênero textual	Valores semânticos	
Relatos de procedimento	Retificação integral (3)	Retificação parcial (2)
Total (6)	Total (5)	

Fonte: Da autora.

Concluimos que, *a priori*, a maior frequência de *aliás* nesse gênero textual está relacionada ao maior emprego de seu valor semântico de retificação, valor este mais recrutado na utilização desse elemento linguístico em todo o *corpus* pesquisado, na modalidade de texto oral.

Tratemos, por fim, da posição em que *aliás* aparece nos textos examinados.

4) Posições de *aliás* em textos orais

Nos textos de modalidade oral analisados, *aliás* foi recrutado nas posições final e intermediária, conforme elencado na Tabela 5, a seguir. Além disso, esse item coocorreu ao lado de conectores, de formas correlatas e de advérbios.

Tabela 5: *Corpus D&G* – Localização e frequência de uso de *aliás* na modalidade oral

Localização de <i>aliás</i>	Frequência
Posição intermediária	15
Posição final	04
Posição inicial	-
Total	19

Fonte: Da autora.

A maior frequência de *aliás* foi na posição intermediária. Dos 19 casos de *aliás* coletados, 15 ocorreram nessa posição. Apenas quatro instâncias foram detectadas na posição final. Não foi constatado o uso desse elemento linguístico na posição inicial dos textos orais.

Considerando a modalidade dos textos analisados (oral), portanto, mais espontâneos, podemos admitir, preliminarmente, que o recrutamento em posição inicial é inviabilizado na sequência discursiva pela dinamicidade do texto, sem pausas maiores. Assim, o encaixamento de *aliás* em posição intermediária, a mais recrutada, favorece o dinamismo próprio desse tipo de discurso. Além disso, o valor semântico de retificação, o mais utilizado, ocorre nos discursos já iniciados, portanto, em posição intermediária (ou final).

Também de forma preliminar, levantamos a hipótese de que, em discursos mais espontâneos, *aliás* é utilizado de forma mais livre, sem a preocupação de organizar o seu uso na estrutura do discurso. Dessa forma, sua ocorrência em posição intermediária e final dá-se conforme o decorrer da elocução e não conforme uma organização estrutural pré-estabelecida.

Os dados (10) e (11), a seguir, demonstram o recrutamento de *aliás* nas posições intermediária e final, respectivamente:

- (10) I: ... doutor Brown consegue ... ou ... cria lá uma máquina do tempo ... né ... uma máquina do tempo e por acidente eles voltam ... *aliás* ...eles não ... ele ... né ... Michael Jein Fox ... (Narrativa recontada, D&G Natal, p. 84, ensino médio).

Em (10), *aliás*, em posição intermediária, dentro da sequência discursiva, retifica um termo (“eles”) da narrativa recontada. Primeiro, negando a informação dada, segundo, retificando o termo negado. Em vez de “eles”, o informante retifica usando “ele”, sem pausa no discurso.

- (11) E: ...ele tem quinze anos... e é residente no município de bairro/ eh... no bairro de Fátima... *aliás*... Afonso... vamo começar nossa entrevista? (Relato de opinião, D&G Niterói, p. 36, ensino superior/entrevistador).

Em (11), o entrevistador recruta *aliás*, ao final de uma declaração, a título de retificação de sua fala, corrigindo parte do discurso precedente a *aliás*: em vez do advérbio de lugar “no município de bairro”, ele retifica, utilizando “no bairro de Fátima”, finalizando com *aliás*. Na sequência, o entrevistador recomeça, dando início a outro assunto, a fim de prosseguir à entrevista.

A propósito do número elevado de instanciações de *aliás* na posição intermediária, consideramos imprescindível a descrição da forma como esse elemento foi utilizado e a descrição dos elementos que coocorreram com sua atuação nos discursos. No Quadro 3, descrevemos as ocorrências de *aliás*, em posições intermediárias, e os elementos linguísticos circunscritos:

Quadro 3: *Corpus D&G – Aliás nas posições intermediárias e os elementos linguísticos circunscritos*

	Descrição
Posição intermediária	Entre formas correlatas “mas/também”
	Entre orações
	Introduzindo oração de retificação
	Introduzindo retificação
	Introduzindo reformulação
	Ao lado do advérbio de negação “não”
	Incluindo informação (oração)
	Ao lado do conector “se”, reformulando o discurso
	Introduzindo informação nova

Fonte: Da autora.

Os dados (2), (3), (12), (13), (14), (9), (15), (6) e (16) assinalam, respectivamente, as ocorrências de *aliás* nas posições intermediárias, conforme a sequência descrita no Quadro 3:

- (2) I: Tem as cadeiras que os... ministros... não os minis... os ministros da eucaristia... mas os ministros também... os apólitos... os::... os irmãos do Santíssimo... enfim... os que tem uma participação também... não passiva... mas/ *aliás*... também pa... eh... passiva... mas... ativa também... tem um tablado... (Descrição, D&G JF, p. 42, 8ª série do ensino fundamental).
- (3) : ...eu entrei como naveteiro na... equipe de liturgia... mas depois um... um membro saiu também por... por problemas... eu não sei qual foi o problema... *aliás*...devia ter saído na reunião que eu havia entrado... eu não... não fiquei sabendo que eu tinha ido embora mais cedo... pra ir na pizzaria... aí eu... subi um posto a mais... eu fiquei na/ quarto lugar da hierarquia... passei a ser turiferário... (Relato de procedimento, D&G JF, p. 43, 8. série do ensino fundamental).
- (12) e:: a fachada era também era bem grande e:: nessa rua ... na rua da escola tinha várias casas também ... era uma avenida longa ... grande ... na mesma rua ... né ... aí tinha várias casas ... então é:: algumas ruas ... é:: praticamente um conjunto lá ... é:: o centro da cidade ... então ... então veja só ... a escola era amarela ... a fachada assim ... algumas:: *aliás* ... era toda pintada de amarelo ... né ... e a sala de aula que foi transformada em quarto para a gente dormir é:: eram brancas por dentro ... né ... grandes ... muito grandes as salas de aula ... (Descrição de local, D&G Natal, p. 87, ensino médio).
- (13) I: bom... no sábado passado... *aliás*... sábado retrasado... eu fui... botar um... um... um som numa festa no shopping... (Narrativa de experiência pessoal, D&G RJ 2, p. 9, 8ª série do ensino fundamental).
- (14) I: ... sei o nome dela é Isabel ... mas ... o nome do primo eu não lembro não ... mas ... numa festa que ela ... que ela pensava do primo dela se apaixonar por ... por uma amiga dela e tudo ... acabou se apaixonando por ela ... né ... e ela num sabia e a amiga dela ...*aliás* ... foi assim ... o primo dela tava interessa/ ela se apaixonou pelo primo dela e o primo dela pela amiga dela e a amiga dela por esse rapaz ... por esse mesmo rapaz ... então ... muito amiga dela... ela pediu pra:: ela pediu pra Isabel ... (Narrativa recontada, D&G Natal, p. 83, ensino médio).
- (9) ... é:: quando ele abre a correspondência ... aí a correspondência é do velho ... do doutor ... então o doutor tinha voltado a mil oitocentos e cinquenta e cinco ... um século atrás ... né ... ele tinha voltado ... não *aliás* ... ele tinha voltado há alguns anos ...

a mil oitocentos e noventa ... a mil oitocentos e oitenta ... por aí ... (Narrativa recon-tada, D&G Natal, p. 86, ensino médio).

(15) I: ... a gente ficou no centro da cidade ... então ... é bem fácil de descrever e eu gostei do local porque é um local pacato e:: simples... né ... então a gente chegou e foi para uma escola ... né ... então uma escola ... *aliás* ... são duas escolas que pelo menos eu vi lá ... uma mais perto da igreja católica ... perto de uma praça ... é:: e uma mais afastada dessa igreja ... mais ... assim uma distância de uns quinhentos metros entre uma e outra ... uma e outra escola ... então a gente chegou ... foi para uma escola bem organizada ... com banheiros limpos e tudo ... é:: bem pintada ... é:: organizada ... (Descrição de local, D&G Natal, p. 87, ensino médio).

(6) mas em todo caso tem muito mais escola pública do que particular ... então veja só ... se:: é:: se sessenta por cento das escolas públicas ... é:: é:: das escolas públicas ... *aliás* ... se ... se tem sessenta por cento de escolas públicas de uma global de cem por cento ... sessenta por cento dessas pessoas vão da escola pública para a universidade enquanto quarenta por cento ... vai ... quarenta por cento que é de escola particular vai de todo jeito para a escola ... (Relato de opinião, D&G Natal, p. 93, ensino médio).

(16) I: é... pra educação mesmo... doméstica... quer dizer... que não tem muita utilidade na... na vida...prática... né? de todo dia... eu acho que quem faz letras... se encaminha eu acho que...invariavelmente pro magistério... a menos as pessoas que fazem bacharelado em tradução... né? que aí você cria uma opção... aqui tem... né? já está tendo *aliás* curso de bacharelado... tanto em inglês quanto em francês... (Relato de opinião, D&G JF,p. 12, ensino superior).

Considerações finais

Durante a realização deste estudo, chamou a atenção o baixo número de ocorrências de *aliás*, na oralidade, considerando o total de textos no *corpus* analisado. Em um universo de 855 textos apenas 19 apresentaram o uso desse item linguístico.

Quanto ao grau de escolaridade dos falantes, observamos que o recrutamento de *aliás* se deu com maior frequência entre os usuários de nível superior e médio. Dos 19 textos orais analisados, 14 pertencem aos usuários com esses graus de escolaridade. Esse resultado pode indicar um maior recrutamento de *aliás* em textos mais canônicos.

Observamos que *aliás* pode assumir variados valores semânticos, na modalidade oral, dos quais: reformulação, retificação (parcial e integral) e inclusão. O valor semântico mais utilizado foi o de retificação, conforme postulado por Celso Cunha e Lindley Cintra (1985). No entanto, há de se resguardar as demais possibilidades classificatórias de *aliás*,

tendo em vista que o estudo ora proposto se limita ao contexto oral, em textos não canônicos, em que essa partícula repercutiu 19 vezes, em 855 textos.

Acerca dos demais contextos motivadores para o recrutamento de *aliás*, no *corpus* contemplado, constatamos que, no gênero textual relatos de procedimentos, esse elemento teve maior frequência de uso entre os falantes. Além disso, verificamos uma maior tendência de uso de *aliás* em posição intermediária. Contudo, reforçamos a importância de se considerar as suas demais localizações, ainda que em menor número, tendo em vista suas possíveis classificações, considerando sua mobilidade.

Buscamos com esse estudo mostrar a multifuncionalidade assumida por uma mesma forma, atentando para as motivações de uso nos contextos em que esteja inserida. Todas as formas contêm sentidos que serão expostos, assumindo seu papel no ato do discurso, no momento em que os interlocutores interagem e firmam seus objetivos e intenções, através de suas escolhas.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística Centrada no Uso*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, Medianeira et al. (Org.). *Sintaxe em foco*. Recife: PPGL / UFPE, 2012, p. 29-49.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Publifolha, 2007.
- GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- Grupo D&G. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>. Acesso em julho de 2017.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2015.
- OLIVEIRA, Heleno Fonseca de. Os conectores reformulativos. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 229-233, 2º sem. 2001.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Contexto: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, Mariângela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (Org.). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015, p. 22-35.



Data de submissão: 12/09/2019

Data de aceite: 22/04/2020